

## **Resumos da III Jornada do Negue – 1918: O fim do Século XIX. 100 anos depois.**

### **12 de Novembro**

**14:00 – 15:40**

Helmut Galle

*Do Sonho para a Torre: o último drama de Hofmannsthal como reação à Primeira Guerra*

Desde 1903, Hugo von Hofmannsthal se ocupava de uma adaptação própria de *La vida es sueño* de Calderón de la Barca. Em 1918 o autor austríaco reconheceu definitivamente que essa adaptação era impossível e transformou a fábula em várias etapas numa tragédia que iria ser sua última peça e seu legado: A torre, cuja 2ª versão foi publicada em 1928. No pano de fundo das devastações de uma guerra perdida, a sociedade abalada pela tragédia oscila entre governo tradicional, legal e carismático (Weber). Enquanto o humanismo, personificado por Sigismund, o filho maltratado pelo rei Baliseu, fracassa tal qual a revolução milenarista das crianças, triunfa o soldado Olivier mediante sua amoralidade radical, seu desejo de poder e os soldados embrutecidos pela guerra anterior. Reconhece-se facilmente uma visão dos movimentos fascistas que surgiam paralelamente ao trabalho de Hofmannsthal neste material. Ao mesmo tempo, o texto reflete suas leituras de W. Benjamin e C. Schmitt, de forma que A torre pode ser lida como complemento ficcional das análises agudas que os dois teóricos fizeram da situação do Estado que tinha passado pela catástrofe da guerra.

Marcos Hill

*Guerra como finalidade moderna e seus impactos nas artes visuais das primeiras décadas do século XX.*

Quando, em 1914, eclode a Primeira Guerra Mundial, o russo Wassily Kandinsky já havia pintado suas primeiras aquarelas abstratas, datadas de 1910, e o francês Marcel Duchamp acabara de realizar, em 1913, a *Roda de Bicicleta*, um de seus primeiros *ready-mades*. A intrínseca relação entre o Modernismo nascente e o primeiro conflito mundial do século XX sugere um recorte histórico que nos remete, quase que inevitavelmente, à Revolução Industrial e à Revolução Francesa.

Sob a égide da crise, a Modernidade desdobrou-se ao longo do século XIX, determinando uma quantidade considerável de transformações que afetariam tanto o sentido de mundo inventado

pela civilização ocidental quanto seus modos operacionais de administrar a ciência, a cultura, a economia, a política, em suma, o próprio poder.

Sendo assim, no atual estudo, deseja-se revisitar alguns conceitos que, sob o viés histórico, político e cultural, fornecerão elementos interessantes para o desenvolvimento de uma abordagem crítica sobre a invenção artística enquanto testemunha privilegiada dos impasses vividos ao longo do período no qual o capitalismo industrial e o imperialismo consolidaram-se, conduzindo o mundo ao grande conflito armado que marcará o início do novo século.

A partir de uma rápida contextualização dos efeitos causados na sociedade, tanto pela industrialização acelerada quanto pela criação do estado constitucional burguês, serão analisados seus impactos nos modos como o pensamento ocidental, desde então, forjará ideologias universalizantes, incrementando um ambiente de crise no qual conceitos tais como “cidade”, “corpo”, “estética”, “crítica” e “arte”, serão obrigatoriamente deslocados.

Da diferenciação entre modernidade e modernismo, pode-se destacar o termo “vanguarda” que servirá como chave para um melhor entendimento de como a Arte, enquanto campo específico de invenção do conhecimento, lidou com as mazelas humanas inerentes à consolidação do capitalismo, gerando manifestações como o Dadaísmo, fenômeno artístico promovido por jovens europeus desertores da Guerra de 1914, passando posteriormente a ser referência fundamental para a compreensão do que hoje é considerado como Arte.

Finalizando esse percurso, propõe-se uma rápida visita pela obra *O Reparo (The Repair, 2012)*, de Kader Attia, francês de origem algeriana que, participando da DOCUMENTA 13, em Kassel (Alemanha), no ano de 2012, transformou a Primeira Guerra Mundial em tema motivador de um projeto artístico.

**16:00 – 18:00**

Tom Burns

*The Great War and Anglo-American literature: before and after*

Este trabalho focaliza principalmente duas obras pouco conhecidas sobre a Primeira Guerra Mundial: *The Middle Parts of Fortune* (1929), de Frederick Manning, e a tetralogia *Parade's End* (1924-28), de Ford Madox Ford. Outros romances importantes de língua inglesa serão brevemente discutidos, inclusive a mais importante ficção de guerra da literatura americana, *The Red Badge of Courage*, de Stephen Crane (1898), que estabelece diversos temas abordados no século XX pelos escritores dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e demais países do continente europeu. Finalmente, romances mais recentes sobre a Grande Guerra, chamados *retrovisions*, são também contemplados.

Luiz Gustavo Leitão Vieira

*The nature of that Scarring: Remembering the Great War in Dave McKean's Black Dog*

For a hundred years now, the Great War of 1914-18 has been what scholar Jay Winter has termed a “site of memory.” By resorting to Winter’s observations and remarks on how the conflict has become central in cultural memory, mostly in the works *Sites of memory*, *Sites of Mourning: The Great War in European Cultural History*, and *Remembering War*, the present talk analyzes artist Dave McKean’s graphic novel *Black Dog*. McKean’s work is a somewhat biographical narrative about the combat experiences of painter Paul Nash and how the conflict influenced the painter. The talk will also rely on American writer Tim O’Brien’s formulation on the interplay of memory, language and imagination, in order to better understand how the Great War is, or can be, represented, imagined and remembered one century later.

Marina Naves

*On being asked for a war poem: W. B. Yeats e o papel do poeta em face da Primeira Guerra Mundial*

Partindo da análise de dois poemas escritos por W. B. Yeats, *On Being Asked for a War Poem* e *An Irish Airman Foresees His Death*, discute-se, sob a perspectiva do nacionalismo anticolonial irlandês, o papel do poeta durante a Grande Guerra. Em Yeats, tal ofício não é criar um ideário militar glorioso (ou, ainda, expressar os traumas do soldado britânico que defende sua terra), mas manter-se calado — como no primeiro poema — ou, ainda, de expor a estupidez, insolência e frivolidade que o conflito para ele representava. Pelo autor apreende-se, também, a expressão da triste e peculiar contradição que é morrer por uma nação que não se ama — pior, que mantém dominada a sua própria pátria —, como aparece no segundo poema. Desse modo, destrinchando as duas obras é possível, também, reler a Primeira Guerra Mundial por meio de um olhar que não se volta para manutenção de disputas e políticas imperialistas; pelo contrário, que as contrapõe e as questiona.

19:00 – 21:00

Valéria Sabrina Pereira

*A Primeira Guerra no romance picaresco de Hans Herbert Grimm Schlump*

*Schlump* (Folgado, 1928) relata, como o próprio título indica, as aventuras de um soldado sem nenhum comprometimento durante a Primeira Guerra. Apesar de forte divulgação, *Schlump* teve uma recepção pobre, o que acreditavam ser um efeito colateral do lançamento de outro

livro que também tratava da guerra no mesmo ano: Nada de novo no front. Em 1933, a obra, então anônima, foi queimada e proibida pelos nazistas. Após décadas de esquecimento, o crítico literário Volker Weidermann lançou, em 2008, um livro sobre a Queima de Livros, que deu início ao seu processo de recuperação e uma nova chance de recepção. A autoria foi esclarecida e, em 2014, o romance foi relançado por ocasião do centenário da Primeira Guerra. Apesar da identificação de algumas máculas, *Schlump* gozou de uma recepção positiva da crítica – marcada por um evidente desejo de compensação por sua história no Nazismo. Uma leitura mais atenta, contudo, demonstra que as irritações provocadas pela leitura da obra, e tendencialmente desculpadas pela receptiva crítica literária, revelam uma atitude mais leviana do que pacifista, em uma narrativa que é incapaz de entregar o olhar crítico que suas elogiosas resenhas prometem, como será apresentado nesta comunicação.

### Luiz Henrique Coelho

#### *Representações de alteridade na guerra: Apontamentos críticos à Primeira Guerra Mundial em Virgínia Woolf e Thomas Mann*

Thomas Mann evoca as transformações sociais, políticas e culturais ocorridas no início do século XX a partir do diacronismo observado em passagens dos romances *A montanha mágica* e *Doutor Fausto*. No primeiro romance, o autor aponta para tais transformações, a partir do deflagrar da Primeira Guerra Mundial como um divisor temporal imposto à narrativa. No segundo, Mann expõe o mesmo ponto de vista, com um rigor crítico mais acentuado em relação à guerra iniciada em 1914, mencionando a oposição entre a euforia do período anterior à guerra e o pesar observado após o conflito.

Virginia Woolf trata o tema da Primeira Guerra Mundial nos textos *Ao farol* e *Mrs. Dalloway*, a partir de um contexto da experiência dos combates. Em *Mrs Dalloway*, é perceptível a descrição do trauma, como no exemplo dos bombardeios a Londres. Já em *Ao farol*, o conflito armado é transposto à ideia da passagem do tempo, exposta no segundo capítulo do romance, intitulado “O tempo passa”.

A presente análise busca revelar o aspecto crítico de ambos autores em relação à Primeira Guerra Mundial - evento que transformaria tanto os modos de vida, meios de produção e, certamente, a escrita literária - bem como possíveis aproximações entre seus posicionamentos em relação ao tema.

Palavras-Chave: Primeira Guerra Mundial; romance moderno; apreensão do moderno.

### Larissa Guevara

Nada de novo no front: *Reflexões sobre a Grande Guerra*

A presente pesquisa tem o objetivo de apresentar certas reflexões sobre a experiência humana em meio aos combates da Primeira Guerra Mundial e a importância que a literatura detém para a construção e preservação da memória desse conflito. Nessa comunicação o livro que irá nortear as discussões é o romance *Nada de novo no front (Im Westen nichts Neues)*, de Erich Maria Remarque, veterano de guerra alemão que se destaca por apresentar ao leitor imagens de significância ímpar acerca do combate, bem como o livro *Vozes esquecidas da Primeira Guerra Mundial* de Max Arthur, que apresenta relatos reais de soldados e civis que vivenciaram esse contexto. Esse trabalho também busca apontar imagens significativas do combate e sustentar discussões acerca dos enfrentamentos entre as nações e como o indivíduo reagiu perante a lógica e os custos do primeiro grande conflito do século XX.

### **13 de novembro**

**10:00 – 12:00**

Raquel Abi-Sâmara

*Lírica após “Grodek”? Trakl e a poesia expressionista: na soleira do silêncio.*

O poeta austríaco Georg Trakl (1887-1914) escreve o poema “Grodek” em 1914, quando atua como enfermeiro militar na batalha de Grodek / Rawa Ruska, onde cuidou de mais de noventa feridos e mutilados de guerra em estado grave. O poema é considerado o *non plus ultra* de toda a poesia expressionista (K. Edschmid). Ultrapassar o espírito do romantismo tardio foi uma das conquistas da poesia pré-Primeira Guerra. A proposta desta exposição é entender como isso acontece no texto poético, a partir da leitura de poemas traklianos, entre eles “Verfall” (Decadência) e “Grodek”. Características temáticas e estilísticas (Weltgefühl, Reihungsstil) dessa poesia inovadora, suas especificidades literárias, o pathos subjetivo, o dinamismo do idioma, a radicalização da fala metafórica (ciframento), a redução da realidade ao redor em realidade in-existente, o ambiente literário da época (periódicos expressionistas – Der Brenner, Der Sturm, Die Aktion), a coleção de poemas Menschheitsdämmerung, estão entre os temas a serem discutidos nesta apresentação.

Fabício Paiva

*No limiar da existência: Memórias e traumas do front*

A transmissão do horror e da opressão absoluta vivida nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial vem sendo há anos um assunto visto como de grande importância no meio acadêmico.

Este trabalho visa contribuir com os estudos sobre a construção da memória e a noção do testemunho de sobreviventes que, a despeito do contínuo tormento da rememoração, contam suas histórias. A comunicação, aqui proposta, baseia-se principalmente na discussão da obra *Nada de novo no Front* (1929), do alemão e veterano de guerra Erich Maria Remarque. O objetivo é analisar como o romance de Remarque lida com as memórias do passado, ao reconstituir as experiências vividas no front. A obra de Remarque reflete e contribui para a construção da memória coletiva e cultural daqueles que viveram a experiência da guerra. Discute-se como a narrativa testemunhal, tem a capacidade de lidar com memórias ao permitir diversos pontos de vista e dar voz àqueles que não teriam outro canal de expressão. Remarque incorpora em sua narrativa o discurso imagético, historiográfico e o autobiográfico, oferecendo insights que nos ajudam a repensar, no âmbito da literatura comparada, a relação entre memória, trauma e testemunho, assim como as questões envolvendo a dor, a revolta e a indignação.

#### Denise Borille de Abreu

*O homem que nunca voltou da guerra: considerações sobre a escrita feminina da Primeira Guerra em The Return of the Soldier, de Rebecca West*

Esta comunicação tem como objetivos analisar a escrita feminina do trauma de guerra no romance *The Return of The Soldier* (1918), da autora inglesa Rebecca West, e verificar, mais especificamente, como homens e mulheres foram igualmente afetados pelo trauma da Primeira Guerra. O soldado Chris Baldry, protagonista da estória, retorna do front afetado por uma amnésia traumática que o impede de recordar como era sua vida antes da guerra. De volta ao lar, ele se depara com três mulheres vivendo em sua casa: sua esposa, a quem ele não mais reconhece, a ex-namorada, Margaret, que ainda o ama, e, por último, sua prima, Jenny. O estado debilitado no qual Chris se encontra vem como um choque para as três mulheres em sua vida. O drama vivido por essas personagens femininas intensifica-se ainda mais quando o psiquiatra de Chris intervém em favor de recuperar o “caso severo de amnésia” de seu paciente, conduzindo-o a um interrogatório, que muito se assemelha a um processo, na tentativa de resgatar as reminiscências da vida pré-guerra do combatente. Suas confissões, inicialmente, geram hostilidade e desconforto, mas, ao invés de dividir o grupo de mulheres, elas acabam por promover reflexões sobre a fragilidade e a vulnerabilidade emocional dos homens em tempos de guerra. Em termos simbólicos, é possível pensar que a casa onde as três mulheres vivem juntas representa uma espécie de “laboratório”, um locus de onde elas observam a guerra e formulam seus pontos de vista a respeito desse conflito. Ao longo da densa trama psicológica que se desenvolve entre essas mulheres, unidas sob o mesmo teto à espera do retorno do

soldado, a guerra é mostrada como uma espécie de “front interno”. Também pode-se concluir que as três mulheres atuam como ouvintes e, ao fazê-lo, oferecem a Chris uma ajuda considerável no sentido de possibilitar uma possível elaboração do evento traumático vivenciado por ele.

**10:00 – 18:00**

Marcela Lemos

*Releituras da Primeira Guerra Mundial na contemporaneidade: O mito da guerra no jogo Battlefield 1*

O que nos resta da Primeira Guerra Mundial cem anos depois de seu fim? Qual é seu espaço em um mundo em que seus eventos se tornaram fatos históricos, em que sua vivência se tornou narrativa? Esse trabalho se interessa pelo legado da Grande Guerra na contemporaneidade, concentrando-se em sua recriação no jogo eletrônico *Battlefield 1*, publicado em 2016 pela Electronic Arts. Durante mais de um século de escritos teóricos, historiográficos e literários buscando fazer sentido desse acontecimento através, por exemplo, do estabelecimento de relações de causa e consequência, construímos o que Samuel Hynes convencionou chamar de “o mito da guerra,” isto é, “uma narrativa simplificada que surge de uma guerra, através da qual ela adquire significado” (HYNES, 1997, p. xiii). O mito da Primeira Guerra Mundial, segundo Hynes, corresponde, assim, à ideia amplamente aceita e reproduzida de uma geração de homens jovens e inocentes dizimada em batalhas fúteis, sangrentas e lamacentas e cujos poucos sobreviventes rejeitaram, subsequentemente, as sociedades e culturas que os levaram à guerra. Em meu trabalho, proponho-me a analisar o tratamento dessa narrativa em *Battlefield 1*, discutindo as formas pelas quais o jogo revisita e simultaneamente reitera e questiona o mito da Primeira Guerra Mundial.

José Otaviano da Mata Machado

*O Anacronismo Estético e Narrativo de Wonder Woman (2017)*

A estreia internacional de *Wonder Woman* (dir. Patty Jenkins, 2017) foi um marco para o cinema de super-heróis; após uma série de fiascos críticos como *Man of Steel* e *Batman vs Superman*, a produtora Warner Bros. Picture, responsável pelo chamado “DC Extended Universe” teve na obra de Jenkins um sucesso necessário para a continuidade de seu universo cinemático. Contudo, a escolha de ambientação do longa-metragem – o front ocidental da Primeira Guerra Mundial – apresenta uma série de escolhas e estratégias de representação da guerra altamente questionáveis, que acabam por apresentar uma narrativa da Primeira Guerra

Mundial que essencialmente se constitui como uma narrativa da Segunda Guerra Mundial. Este trabalho pretende partir da noção de Samuel Hynes sobre o “Mito da Guerra”, das funções da literatura de guerra como postuladas por Catherine Brosman e do conceito gramsciano de hegemonia para argumentar que, no que compete às escolhas éticas e estéticas da representação de guerra, Patty Jenkins opera uma reprodução do mito da Segunda Guerra Mundial em sua forma de representar a Primeira Guerra Mundial.

Ana Carolina Fernandes

*Glória feita de sátira: A Grande Guerra, de Mario Monicelli*

Esse trabalho pretende investigar o filme *A grande guerra* (1959), do diretor italiano Mario Monicelli. Acusado de antipatriotismo à época de seu lançamento, a obra revisita os conflitos da Primeira Guerra Mundial em um registro cínico e tragicômico. Monicelli é considerado um dos nomes mais expressivos do gênero das *Commedia all'italiana*, um estilo popular que dominou o cinema italiano nas décadas de 60 e 70, caracterizado pela crítica social e sátira de costumes. Com *A Grande Guerra*, o diretor consagrou-se como referência na cinematografia mundial ao realizar uma das primeiras produções na Itália a desviar do padrão e retratar a primeira guerra fora dos moldes fascistas de representação. A partir de uma análise de seus recursos narrativos e dispositivos visuais, essa comunicação busca explorar as conexões que o filme de Monicelli estabelece com a história, particularmente em relação à retórica de propaganda do cinema da era fascista.

**19:30 – 21:30**

Volker Jaeckel

*A sublevação dos marinheiros em Kiel: início da revolução alemã de 1918*

Em outubro de 1918, os marinheiros da armada alemã recebem a ordem de partir para uma última batalha contra a Inglaterra, na qual encontrariam a morte heroica no fim da Primeira Guerra Mundial. Esta ordem absurda e suicida, que teria transformado a milhares de soldados em bucha de canhão, não é cumprida. Os marinheiros iniciam uma rebelião contra os seus oficiais que se espalha rapidamente em Kiel e é apoiada por trabalhadores revolucionários em muitas partes do país. Este episódio único na história da Alemanha provoca o fim da guerra e da monarquia do Imperador Guilherme II.

A interpretação dos fatos históricos mudou completamente ao longo de um século: se inicialmente, os rebeldes foram considerados traidores que apunhalaram o glorioso exército pelas costas, hoje existem estudos mais diferenciados apontando os motivos justificados e as



consequências da rebelião, como mostra uma exposição atual no Museu de Navegação em Kiel, intitulada *Die Stunde der Matrosen* (“A hora dos marinheiros”).

Na literatura e no cinema, houve uma certa repercussão em autores como Ernst Toller, Joachim Ringelnatz e Theodor Plivier, e também num romance policial, publicado este ano com o título *Kieler Morgenröte* (“Aurora em Kiel”).

### Elcio Loureiro Cornelsen

*Dos campos de batalha à Revolução de Novembro de 1918 na Alemanha – entre mudança e conservação das estruturas políticas e sociais*

Nossa contribuição visa a uma reflexão sobre a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial e a consequente desmobilização do Exército, e seu papel na Revolução de Novembro de 1918. Considerada como um dos momentos de cesura na história alemã, que levou o Império sob a égide de Guilherme II ao colapso, a Revolução de Novembro, liderada pela Socialdemocracia, promoveu uma mudança política significativa com a proclamação da “República Alemã” em 09 de novembro de 1918. Todavia, mantiveram-se as estruturas sociais inalteradas, além da presença de figuras proeminentes do Kaiserreich na nova conformação da jovem República de Weimar, afeitas aos princípios democráticos e diretamente ligadas ao passado da guerra. No ato da proclamação, de uma das janelas do Reichstag, Philipp Scheidemann afirmava: “Viva o novo. Viva a República Alemã!” (Es lebe das Neue. Es lebe die Deutsche Republik!). Todavia, o tempo demonstraria que a “República Alemã” expressava ainda muito da mentalidade autoritária do regime antecessor e era tomada como uma “república sem republicanos”. Assim, esse quadro nos permite avaliar o próprio significado polissêmico do termo “revolução”, ao oscilar entre mudança e conservação, em que a República surge como uma consequência da Primeira Guerra Mundial, por assim dizer, uma “filha indesejada” dos campos de batalha.

### Samia Tavares de Souza

*Representações do trauma e da violência no contexto da I Guerra Mundial na obra Homens em guerra (Menschen im Krieg), de Andreas Latzko.*

Neste presente trabalho, procuramos analisar as representações tanto do trauma quanto da violência dentro do contexto da I Guerra Mundial (1914-1918) conforme apresentadas na obra *Homens em Guerra (Menschen im Krieg)* do autor judeu de origem austro-húngara Andreas Latzko. Publicada pela primeira vez ainda em 1917 e composta por seis novelas curtas, esta obra elabora em suas várias instâncias narrativas muitos dos efeitos brutais da violência sofrida

na guerra tanto em nível físico quanto psíquico, especialmente sobre os soldados que dela tomaram parte. Levando também em consideração o fato de que o próprio Latzko combateu durante a I Guerra Mundial no exército austro-húngaro e sofreu com o então chamado “*shell shock*” em decorrência de sua experiência de combate, buscamos mostrar de que formas a obra do autor, muito embora seja de natureza ficcional, possui certo teor testemunhal, além de tecer não só uma crítica a I Guerra Mundial em si, mas também uma profunda reflexão sobre os impactos destruidores da vivência da guerra sobre os indivíduos por ela afetados.